

MANUEL SOUSA JUNIOR

UMA GUERRA DAS RACAS:

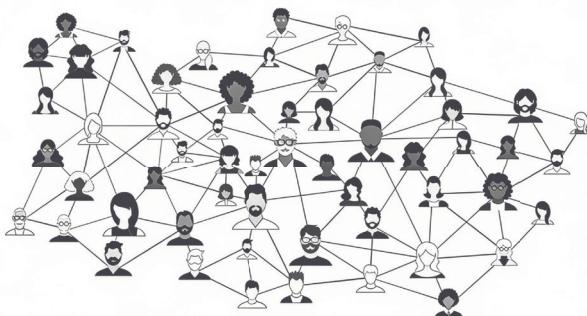
BIOPOLÍTICA, RACISMO DE ESTADO,
NECROPOLÍTICA E EUGENIA



EDITORA
SCHREIBEN

UMA GUERRA DAS RACAS:

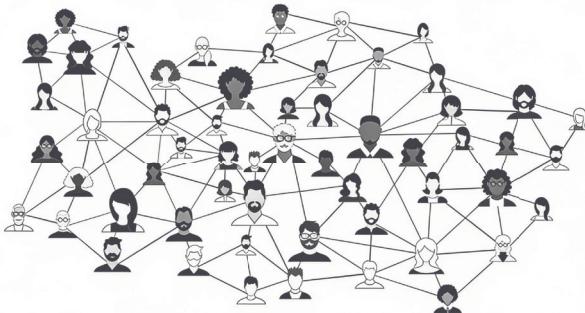
BIOPOLÍTICA, RACISMO DE ESTADO,
NECROPOLÍTICA E EUGENIA



MANUEL SOUSA JUNIOR

UMA GUERRA DAS RACAS:

BIOPOLÍTICA, RACISMO DE ESTADO,
NECROPOLÍTICA E EUGENIA




EDITORASCHREIBEN

2026

© Manuel Sousa Junior - 2026

Editoração e capa: Schreiben

Imagen da capa: Ana Carolina Fonseca de Menezes (Instagram @anamenezes_art)

Revisão: Elaine Santos (@profe.elainerevisoradetextos)

Livro publicado em: 02/02/2026 Termo de publicação: TP0062026

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (Capes) - Código de Financiamento 001.

Conselho Editorial (Editora Schreiben):

Dr. Adelar Heinsfeld (UPF)
Dr. Airton Spies (EPAGRI)
Dra. Ana Carolina Martins da Silva (UERGS)
Dr. Cleber Duarte Coelho (UFSC)
Dr. Daniel Marcelo Loponte (CONICET – Argentina)
Dr. Deivid Alex dos Santos (UEL)
Dr. Douglas Orestes Franzen (UCEFF)
Dr. Eduardo Ramón Palermo López (MPR - Uruguai)
Dr. Fábio Antônio Gabriel (SEED/PR)
Dra. Geuciane Felipe Guerim Fernandes (UENP)
Dra. Ivânia Campigotto Aquino (UPF)
Dr. João Carlos Tedesco (UPF)
Dr. Joel Cardoso da Silva (UFPA)
Dr. José Antonio Ribeiro da Moura (FEEVALE)
Dr. Klebson Souza Santos (UEFS)
Dr. Leandro Hahn (UNIARP)
Dr. Leandro Mayer (SED-SC)
Dra. Marcela Mary José da Silva (UFRB)
Dra. Marciane Kessler (URI)
Dr. Marcos Pereira dos Santos (FAQ)
Dra. Natércia de Andrade Lopes Neta (UNEAL)
Dr. Odair Neitzel (UFFS)
Dr. Wanilton Dudek (UNESPAR)

Esta obra é uma produção independente. A exatidão das informações, opiniões e conceitos emitidos, bem como da procedência e da apresentação das tabelas, quadros, mapas, fotografias e referências é de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

Editora Schreiben
Linha Cordilheira - SC-163
89896-000 Itapiranga/SC
Tel: (49) 3678 7254
editoraschreiben@gmail.com
www.editoraschreiben.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S725 Sousa Junior, Manuel

Uma guerra das raças : biopolítica, racismo de estado, necropolítica e eugenia / Manuel Sousa Junior. – Itapiranga : Schreiben, 2026.

91 p. ; e-book ; 14 x 21 cm.

Inclui bibliografia e índice remissivo.

E-book no formato PDF.

ISBN: 978-65-5440-623-9 [versão impressa]

EISBN: 978-65-5440-628-4 [versão digital]

DOI: 10.29327/5778941

1. Racismo. 2. Biopolítica. 3. Eugenia. 4. Necropolítica. 5. Estado — Aspectos sociais e políticos. I. Título.

CDD 305.08

Bibliotecária responsável Juliane Steffen CRB14/1736

À Luísa de Sousa Gargur, minha filha,
razão da minha vida!

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente ao meu orientador do doutorado em Educação, Prof. Dr. Mozart Linhares da Silva e demais colegas do grupo de pesquisa *Identidade e Diferença na Educação* da UNISC, pelas trocas realizadas nas discussões sobre temas relevantes, fundamentais para meu amadurecimento intelectual.

Gratidão à minha família, sobretudo, meu marido, Jadir Gargur; minha filha, Luísa, e minha mãe, além dos meus amigos e minhas amigas pela compreensão de minha ausência em diversos momentos em que precisei ficar estudando e debruçado nas leituras e páginas da minha tese de doutorado e nas produções acadêmica e intelectual que consegui realizar nesses anos.

Ao amigo, columnista do portal Soteroprosa e professor adjunto da UNEB, o doutor Ewerton Nery Carneiro, por ter aceitado o convite para prefaciar esta obra.

Meus seguidores do perfil @debateracialpolitico, os leitores dos meus livros autorais e organizados, bem como a rede de pesquisadores e pesquisadoras em relações étnico-raciais desenvolvida ao longo dos últimos anos, que também merecem minha gratidão pelas trocas realizadas continuamente.

Por fim, um agradecimento à memória de Michel Foucault, principal teórico estudado neste livro, que, com suas ânsias em pensar as relações humanas e o sujeito, promoveu e ainda promove grandes debates científicos. Os pesquisadores e as pesquisadoras da atualidade citados neste livro também merecem uma homenagem, são inúmeras as pesquisas que me possibilitaram chegar à este resultado, como Judith Butler, Achille Mbembe e seus comentadores.

Obrigado a cada leitor que chegar neste livro, que ele sirva como inspiração para que cada vez mais pesquisas abordem os temas que tangenciam esta obra e que nos fazem pensar e refletir sobre as relações humanas.

Com efeito, em termos foucaultianos, o racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, “aquele velho direito soberano de morte”. Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição de morte e tornar possível as funções assassinas do Estado. Segundo Foucault, essa é “a condição para a aceitabilidade do fazer morrer”

Achille Mbembe, 2016, p. 128.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	13
<i>Everton Nery Carneiro</i>	
APRESENTAÇÃO.....	19
INTRODUÇÃO.....	25
A EMERGÊNCIA DA BIOPOLÍTICA NA MODERNIDADE.....	35
RACISMO DE ESTADO: UMA GUERRA DAS RAÇAS.....	55
A OPERACIONALIZAÇÃO DO RACISMO DE ESTADO, NECROPOLÍTICA E SEUS DESDOBRAMENTOS.....	67
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	79
REFERÊNCIAS.....	81
ÍNDICE REMISSIVO.....	87

PREFÁCIO

Há livros que nascem como um grito contra o silêncio. Outros emergem como diagnóstico rigoroso de um tempo marcado por violências antigas que insistem em travestir-se de modernidade. Este livro, entretanto, nasce como ambos: é grito e diagnóstico; é corte e cicatriz; é reflexão e denúncia. Ele nasce da urgência de compreender como a vida (aquel que deveria ser o mais inviolável dos direitos) tornou-se objeto de cálculo, gestão, controle e eliminação. Nasce, sobretudo, para revelar como a história das ideias nunca está dissociada da história dos corpos: corpos racializados, corpos disciplinados, corpos descartados, corpos sacrificados em nome de uma suposta saúde da população.

Ao debruçar-se sobre a biopolítica, o racismo de Estado, a necropolítica e a eugenia, esta obra ilumina, com rigor conceitual e precisão genealógica, os caminhos pelos quais o poder transformou a vida em um campo de batalha. Em diálogo com Michel Foucault, Achille Mbembe e um vasto conjunto de comentadores, o texto revela que a modernidade ocidental inaugurou um modo de governo que não apenas administra populações, mas decide quem merece viver e quem pode ou deve morrer. Esta é a chave interpretativa que percorre cada capítulo: a compreensão de que a política moderna não opera apenas por leis e instituições, mas por cortes biológicos, por hierarquias raciais, por políticas de normalização que definem, com a frieza da técnica, quais existências serão protegidas e quais serão expostas ao abandono.

A grande força deste livro reside em explicitar como esse movimento deu-se histórica e discursivamente. A genealogia foucaultiana é aqui utilizada como ferramenta, no sentido literal

que Foucault desejava, para desmontar as formas pelas quais o poder infiltra-se, reinventa-se e legitima-se. Conforme afirma o próprio filósofo francês, seus textos são “pequenas caixas de ferramentas” capazes de produzir curto-circuitos no pensamento e revelar aquilo que a normalidade tenta esconder. Este livro assume essa vocação crítica com coragem: desmonta discursos, analisa práticas institucionais, revisita teorias raciais e escancara os mecanismos que sustentaram, e ainda sustentam: genocídios coloniais, políticas de branqueamento, doutrinas eugenistas e lógicas de extermínio simbólico e material.

A guerra das raças, conceito fulcral na análise foucaultiana, aparece aqui não como metáfora distante, mas como estrutura persistente de poder. O texto demonstra que essa guerra não se limita a conflitos étnicos explícitos; ela manifesta-se na gestão silenciosa das mortes, na produção de vidas precárias, no abandono de populações inteiras às epidemias, à violência policial, à fome, ao encarceramento e às políticas de segurança que operam pela eliminação dos considerados “indesejáveis”. É nesse ponto que a obra dialoga profundamente com Achille Mbembe, cujo conceito de necropolítica permite compreender que, para além do controle da vida, os Estados modernos passaram a controlar também as formas de morrer e, em muitos casos, a produzir a morte como técnica de governo.

A análise do racismo de Estado, tal como desenvolvido por Foucault em *Em defesa da sociedade*, constitui o núcleo interpretativo do livro. Ali, o filósofo evidencia que o racismo moderno não é mero produto do ódio, da ignorância ou de preconceitos individuais. Ele é uma tecnologia política, uma engrenagem indispensável para que o biopoder funcione. O racismo permite que o Estado justifique a eliminação de certas vidas em nome da proteção da população; ele cria a divisão entre “aqueles que devem viver” e “aqueles que podem morrer”. A morte, portanto, torna-se um princípio de normalização. A eliminação do outro, do degenerado, do anormal, do impuro, aparece como condição de fortalecimento da raça dominante. Ao retomar tais conceitos

com profundidade, esta obra explicita que o racismo de Estado não é um desvio da modernidade: é um de seus produtos mais consistentes.

A partir dessa chave de leitura, o livro ilumina fenômenos históricos concretos: o eugenismo, o nazismo, o branqueamento, a educação eugênica, as políticas de higienização social, os projetos coloniais e os regimes de segurança que transformaram populações inteiras em ameaças biológicas. A análise mostra que tais práticas não podem ser compreendidas fora da racionalidade biopolítica que se consolidou entre os séculos XVIII e XX, quando o corpo individual deixou de ser o principal alvo do poder, cedendo lugar ao corpo-espécie, ao corpo-população. A medicina social, os censos, as campanhas higienistas, os estudos demográficos e a psiquiatria surgem, assim, como dispositivos que permitem ao Estado gerir a vida de maneira calculada.

Mas o livro vai além: mostra que essa história não é passado. A sociedade contemporânea continua atravessada por mecanismos de biopoder e necropoder. As populações consideradas perigosas, inúteis ou indesejáveis seguem expostas à morte física ou civil; seguem sendo tratadas como vidas que não importam. Nas periferias urbanas, nas prisões, nas fronteiras, nas políticas públicas seletivas, nos discursos raciais que ainda estruturam o imaginário social, reencontramos a lógica que Foucault descreveu: a morte de uns como condição para o bem-estar de outros.

Ao longo do texto, percebemos um cuidado metodológico notável. A genealogia, como lembra Veiga-Neto, não é um procedimento rígido, mas um modo de ver. Ela permite articular eventos históricos, discursos científicos, práticas institucionais e subjetividades. Professor Manuel utiliza essa perspectiva com precisão, articulando a análise conceitual a uma crítica contundente das práticas sociais que produziram, e continuam produzindo, desigualdades raciais. A presença de autores contemporâneos, como Mbembe, Butler, Pelbart, Barros, Moraes, Seixas e tantos outros, reforça a atualidade das discussões e

amplia a inteligibilidade dos fenômenos que compõem o campo da biopolítica.

É importante destacar que esta obra não se limita a apresentar teorias; ela convoca o leitor a ver. Ver o que a naturalização da violência esconde. Ver o que as políticas de segurança silenciam. Ver o que o discurso da meritocracia apaga. Ver o que a ideia de “progresso” sacrifica. Ver, enfim, que a vida, sobretudo a vida racializada, ainda é gerida como recurso, risco ou ameaça. Trata-se de uma convocação ética e política: compreender o funcionamento do racismo de Estado não é apenas um exercício intelectual, mas um passo necessário para desmontar as suas estruturas. Dessa forma, a escrita, nítida e rigorosa, conduz o/a leitor/a por um percurso que é, ao mesmo tempo, conceitual e histórico, filosófico e político. A cada capítulo, novos deslocamentos surgem e novas perguntas são abertas: Como o poder infiltra-se no cotidiano? Como a normalização molda subjetividades? Como o Estado produz desigualdades ao mesmo tempo em que afirma protegê-las? Como o biopoder articula-se hoje ao neoliberalismo? Como a necropolítica redefine os limites do humano? E, sobretudo: que vidas estamos dispostos a considerar dignas de viver?

Ao terminar este prefácio, é impossível não reconhecer a importância deste livro para os debates contemporâneos sobre raça, poder, Estado e vida. Trata-se de um texto necessário, lúcido e corajoso, que convida o leitor a compreender que a guerra das raças, longe de ser um conceito histórico distante, continua a organizar, silenciosamente, os modos pelos quais governamos, convivemos e morremos. Este livro é, portanto, uma peça fundamental para todos que desejam compreender a lógica profunda que sustenta o racismo estrutural. É também um convite a imaginar outras formas de vida política, em que a vida deixe de ser objeto de cálculo e possa, enfim, ser vivida em sua plena dignidade.

Que este texto abra fissuras.

Que provoque inquietações.

Que desperte resistências.

Porque, como nos lembra Foucault, “onde há poder, há resistência”.

E compreender o poder é o primeiro passo para resistir.

Como este livro nasce como um grito e como um diagnóstico.

Deve-se revelar que a modernidade criou uma máquina capaz de gerir a vida...

... e também de administrar a morte.

Foucault revelou que o Estado só funciona porque distingue quem deve viver e quem pode morrer.

Mbembe mostrou que hoje a morte virou política, tornou-se tecnologia de governo.

A guerra das raças não é passado: ela ainda estrutura nossas ruas, nossas periferias, nossos corpos expostos ao abandono.

O racismo de Estado não é ódio individual: é cálculo, é gestão, é normalização.

Este livro abre a caixa de ferramentas para desmontar tudo isso.

Para ver o que a sociedade tenta esconder:

que algumas vidas são cuidadas...

...e outras são descartadas.

É um convite à resistência.

Porque entender o poder é o primeiro passo para romper com ele.

Everton Nery Carneiro

Profº Adjunto da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

APRESENTAÇÃO

O racismo de Estado, enquanto ferramenta da biopolítica, traz reflexões e problematizações do conceito de poder, o poder soberano e o poder disciplinar chegando ao biopoder, à biopolítica e às discussões sobre raça no Ocidente. O surgimento do conceito de população é descrito como sendo de grande importância para a posterior construção da biopolítica. A relação do racismo com o biopoder trouxe à tona preconceitos para o tecido social, de modo que alguns corpos não fossem dignos de viver em determinadas sociedades: era o prenúncio do **racismo de Estado**. A capa do livro representa justamente a população, importante elemento precursor da biopolítica foucaultiana.

No racismo de Estado foucaultiano, analisado no campo da biopolítica, o racismo aparece como fruto de uma guerra das raças, na qual a sociedade é atravessada de um extremo ao outro e ocorre uma apropriação do biológico pelo poder do Estado. Por meio do biopoder, o poder soberano do direito de morte atua para ativação do racismo que se enraíza pelo corpo social, estando completamente atravessado pela temática racial a partir do século XIX.

O surgimento desse racismo de Estado nos escritos foucaultianos aparece como uma forma de inserir uma espécie de corte no domínio do corpo populacional atravessado pelo biopoder, o corte entre aqueles que devem viver e aqueles que devem morrer. Na obra foucaultiana, esse tipo de racismo atua como uma prática política e um instrumento de dominação, que Foucault, por vezes, chama de Guerra das Raças.

O pensamento decolonial de Achille Mbembe também dialoga com o tema, pois ele fez um movimento que deslocou

a análise do eixo de poder para o sistema escravista trazendo o conceito de necropolítica. Para o filósofo camaronês, o sistema colonial trouxe consigo uma escala de violência jamais vista na humanidade e a escravidão foi a primeira experiência biopolítica no Ocidente.

Neste sentido, para dar conta dos objetivos propostos e problemáticas descritos no livro, esta pesquisa lança mão da biopolítica e do racismo de Estado enquanto seu desdobramento direto como objeto de análise, tendo a raça como atravessamento principal.

Trazendo a caixa de ferramentas como uma metáfora, quando perguntado a que lutas suas obras podem servir, Foucault¹ pontuou que seus conceitos e ideias podem ser empregados como ferramentas, que gostaria que seus escritos fossem utilizados das mais diversas formas servindo para múltiplos usos possíveis, muitas vezes, não definidos pelo autor, que

quanto mais houver usos novos, possíveis, imprevistos, mais eu ficarei contente. Todos os meus livros seja História da loucura seja outros podem ser pequenas **caixas de ferramentas**. Se as pessoas querem mesmo abri-las, servirem-se de tal frase, tal ideia, tal análise como de uma chave de fenda, ou uma chave-inglesa, para produzir um curto-círcito, desqualificar, quebrar os sistemas de poder, inclusive, eventualmente, os próprios sistemas de que meus livros resultam, pois bem, tanto melhor!²

Sílvio Gallo costuma afirmar que a Filosofia da educação pode usar Foucault como ponto de partida, porém sem ter um ponto de chegada definido³. Desse modo, é permitido que o pensamento flua livremente sem predefinições. Para isso, a proposta desta obra é fazer deslocamentos do pensamento,

1 FOUCAULT, Michel. Gerir os ilegalismos. In: **Michel Foucault: entrevistas a Roger Pol-Droit**. São Paulo: Graal, 2006 (1975). p. 41-52.

2 FOUCAULT, Michel, *op. cit.*, 2006, p. 52, grifo nosso.

3 GALLO, Sílvio. (Re)pensar a Educação. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 253-260.

abrindo para possibilidades que se encontram no percurso. É desse modo que as ferramentas supracitadas serão utilizadas nesta pesquisa.

Alfredo Veiga-Neto⁴ cita, em um artigo sobre teoria e método, que Foucault considera a genealogia como uma atividade, uma forma de entender, “um modo de ver as coisas que estão em determinadas práticas e suas relações com outras práticas - sejam elas discursivas ou não-discursivas”⁵ e não apenas como “um conjunto de procedimentos técnicos para executar descrições, análises e problematizações”⁶. Em que pese Veiga-Neto afirme que não agradava muito a Foucault dizer que a genealogia é um método⁷, Marcos Moraes descreve a genealogia como um “método instrumental de investigação voltado à compreensão da emergência de configurações singulares de sujeitos, objetos e significações nas relações de poder, associando o exame de práticas discursivas e não-discursivas”⁸.

Com base nesses argumentos, entende-se que este livro constitui-se na atmosfera da genealogia foucaultiana atuando como fio condutor nos objetivos da pesquisa. Para Foucault, a genealogia está presente na articulação do corpo com a História⁹. Assim, para o genealogista,

4 VEIGA-NETO, Alfredo. Teoria e método em Michel Foucault - (im) possibilidades. **Caderno de Educação FAE/PPGE/UFPel**, v. 1, n. 34, p. 83-94, set./dez. 2009.

5 VEIGA-NETO, Alfredo, *op. cit.*, 2009, p. 90.

6 Idem.

7 VEIGA-NETO, Alfredo, *op. cit.*, 2009.

8 MORAES, Marcos Vinicius Malheiros. “Genealogia - Michel Foucault”. In: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. 2018. p. 01.

9 FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia, a História. 1971. In: **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Ditos e Escritos II. 1. ed. Brasileira. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. p. 260-281. Tradução de Elisa Monteiro. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta.

é preciso saber reconhecer os acontecimentos da história, seus abalos, suas surpresas, as vacilantes vitórias, as derrotas mal digeridas que dão conta dos começos, dos atavismos e das hereditariedades; assim como é necessário saber diagnosticar as doenças do corpo, os estados de fraqueza e energia, seus colapsos e resistências para avaliar o que é um discurso filosófico¹⁰.

Moraes considera que existem três dispositivos que podem ser desdobrados da genealogia foucaultiana: **o disciplinar**, que utiliza “o corpo como foco de estratégias de saber-poder, desenvolvendo tanto uma microfísica do poder quanto uma anatomia política dos indivíduos”¹¹; **o dispositivo de segurança**, que “desenvolve uma biopolítica das populações, considerando o ser humano como espécie”¹² e **o dispositivo da sexualidade**, “que emerge do questionamento e da intervenção em relação ao sujeito, considerando distintos modos de subjetivação”¹³.

O **dispositivo disciplinar** pode ser lido, por exemplo, nos movimentos nazista e eugenista, já que os corpos dos aptos e inaptos era o cerne do que era ou não desejado para o progresso nacional, além da utilização de práticas educacionais, como a Educação física e práticas subjetivas não academicistas. O **dispositivo de segurança** pode ser percebido na Eugenia, no que tange à tentativa de cientistas de purificarem a espécie humana sem provocar rebeliões, revoltas, motins ou guerras civis na sociedade por causa da polaridade da cor dos indivíduos. No regime nazista, o dispositivo de segurança também operava com repressão e violência para impedir rebeliões. Por sua vez, o **dispositivo da sexualidade** fica evidente com a intenção da *intelligentsia* eugenista em promover estratégias de controle da sexualidade, da reprodução, dos exames pré-nupciais, bem como em mutilações e esterilizações em casos extremos e no

10 FOUCAULT, Michel, *op. cit.*, 2000, p. 264.

11 MORAES, Marcos Vinicius Malheiros, *op. cit.*, 2018, p. 01.

12 *Idem*.

13 *Idem*.

regime nazista como uma forma de impedir a reprodução de determinados grupos a partir da morte de seus membros.

A partir do exposto e para expandir as reflexões e problematizações, o capítulo 1 apresenta a introdução; o capítulo 2 aborda a emergência da biopolítica na modernidade, a partir do entendimento dos governantes sobre a população, além de realizar uma digressão acerca dos poderes soberano e disciplinar. O capítulo 3 problematiza as nuances do racismo de Estado foucaultiano como uma guerra das raças, originada a partir da estatização do biológico. No capítulo 4, são discutidas algumas formas de operacionalização do racismo de Estado e da necropolítica, como a eugenia e outras teorias e doutrinas raciais, bem como o nazismo, considerado a expressão máxima desse tipo de racismo.

Para ter acesso à obra completa,
entre em contato com o autor:

Instagram: @debateracialpolitico
E-mail: manueljunior@ifba.edu.br
WhatsApp: 71 8830-8000